

“FANON SOBRE CADÁVERES, LOUCURA E OS CONDENADOS”¹**FANON ON CADAVERS, MADNESS, AND THE DAMNED****DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n3p1-12****Lewis Ricardo Gordon²**

Uma mulher foi atropelada por um automóvel em Fort-de-France quando Frantz Fanon tinha 14 anos. Naquela época, as autópsias eram feitas na catedral daquela cidade. Fanon convidou seus amigos para acompanhá-lo em uma expedição para testemunhar a autópsia através de uma janela aberta da igreja. Seus amigos recusaram. Então, Fanon foi por conta própria. Ele ficou enojado com o que viu. Não era o sangue que o incomodava. Era o procedimento impessoal e prático. Ali a mulher jazia não mais como pessoa, mas como cadáver. Fanon não separaria a pessoa do cadáver, a mulher da carne dissecada na mesa. Ele testemunhou degradação, indignidade, humanidade ausente no processo, mas não em seu coração. O menino encontrou sua humanidade e, por meio de sua convicção, seu humanismo.

A separação da pessoa do corpo não é uma característica de muitas línguas não europeias, e não foi historicamente assim para muitas línguas europeias. O processo de pessoas se tornando “coisas” foi crucial para as práticas históricas de colonização, escravização e violência. A linguagem ativa de muitas línguas crioulizadas no Caribe e nas Américas, além daquelas onde quer que a colonização e o comércio fossem, tinham como premissa a vitalidade. O corpo vivido, por assim dizer, é relacional e dinâmico, e assim as reduções à propriedade e às coisas sempre estiveram em conflito com o que estava no cerne do discurso e seu alcance comunicativo na vida social.

¹ Este ensaio é a versão traduzida do inglês de “Fanon on cadavers, madness, and the damned” para o português, pela Profa. Dra. Rosemere Ferreira da Silva (UNEB/UCONN), de “Fanon: i cadaveri, la follia e i dannati,” em *Violenza e Intimità Nell'Epoca Neoliberal. Etnopsichiatria Come Riparazione Della Storia*, a cura di R. Beneduce, G. Bibeau, S. Taliani. Nápoles: TAMU edizioni, 2022. Aparece aqui em forma revisada com a permissão dos tradutores, do editor da versão italiana e do autor.

² Lewis R. Gordon, Philosophy Department, University of Connecticut, Storrs, Connecticut, USA. Email: lewis.gordon@uconn.edu ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4124-1340>

Embora Fanon fosse um falante eloquente do francês parisiense, a linguagem orgânica de sua infância – o crioulo – não estava apenas ao lado do francês hegemônico imposto e aspirado, mas também um desafio metafísico ao mecanismo cartesiano herdado do corpo como coisa. Essa língua crioulezada, marcada por uma confluência de África, Ásia, Europa e resíduos das línguas dos povos indígenas do Caribe e da América do Sul, honrava os ancestrais como uma obrigação permanente pela qual os descendentes recebiam valor. Assim, apesar da lógica imposta pela estrutura gramatical euromoderna a um corpo que se torna um “isso”, os elementos ativos das obrigações contínuas a uma pessoa que se tornou ancestral resistiam àquela designação certa que tornava eficiente a dissecação de um cadáver em uma laje.

Há ironia naquele adolescente, incapaz de separar a pessoa do cadáver, tornando-se soldado 5 anos depois e, em outros 5 anos, estudante de medicina e depois médico. Em cada instância, cadáveres assombravam a atividade. A morte estava em toda a parte, como Fanon viu na Segunda Guerra Mundial e sua experiência entre aqueles que libertaram campos de concentração. Ele continuou, como qualquer um que estuda medicina sabe, já que passar em anatomia é uma condição necessária para continuar estudando medicina. Como Fanon foi capaz de ter sucesso nesses empreendimentos? Embora haja uma defesa implícita em momentos de guerra – matar ou ser morto – o mesmo não se aplica ao cadáver sobre a mesa. Fanon consultou seu professor de anatomia para obter conselhos sobre como desenvolver os recursos mentais para conduzir o procedimento. O conselho do instrutor era que ele fingisse que o cadáver era um gato.

Gatos podem se opor. O ponto central, no entanto, se resume ao que é negado. Finja que o que vai ser dissecado não é um ser humano.

O desafio da despersonalização perseguiu Fanon ao longo de sua carreira. Fanon não apenas estudou para se tornar um psiquiatra, mas especializou-se em dois tipos – clínico e forense. O primeiro, que envolve curar o doente, faz sentido para um humanista. Mas o último é intrigante e, aparentemente, incomum, dada sua repulsa por conduzir autópsias. No entanto, Fanon foi um homem que, ao longo de sua vida, enfrentou diretamente o que detestava. Irritado com a injustiça, ele se lançou em conflito direto com ela; detestando o colonialismo e a violência, ele lutou contra ambos. O último da série pode surpreender alguns leitores já que, como se sabe, Fanon costuma ser caracterizado como um apóstolo da violência. No entanto, essa leitura errônea de sua vida e

pensamento é abordada por aqueles que o conheceram bem e o leram com atenção. Sua ex-aluna Alice Cherki, por exemplo, está decidida sobre sua aversão à violência.ⁱ

Não vou sobrecarregar o leitor com debates sobre as discussões de Fanon sobre a violência.ⁱⁱ Basta dizer que Fanon, em última análise, argumentou que são cúmplices as pessoas que, quando capazes de agir de outra forma, não fazem nada a respeito da violência. A violência permitida em nome da chamada não-violência cheira a hipocrisia. E o que se deve ter em mente é a duplicidade de critérios sobre a violência quando se trata de colonizados e racializados. Os negros são constantemente desencorajados a considerar a violência em contextos onde os brancos empregam a violência sem hesitação. Mais pertinente para o presente, testemunhando a invasão russa da Ucrânia – um exemplo de colonialismo em ação sob o olhar das mídias sociais e os recursos de jornalismo e reconhecimento militar da União Europeia e seus aliados – a ideia de esperar que os ucranianos sejam “não violentos” revela o absurdo do que foi constantemente emitido contra os povos colonizados do antigo Terceiro Mundo e agora do Sul Global. O que falta, no entanto, enquanto o mundo reflete sobre as travessuras de Vladimir Putin e seus oligarcas é o sistema de valores que eles incorporam. Como Aimé Césaire escreveu sobre o “hitlerismo” como valores das potências coloniais expostos, o que é gritante é o que a combinação de supremacia branca e ortodoxia cristã de Putin representa.ⁱⁱⁱ A humanidade do povo ucraniano de tantos que os aceitariam como “brancos” facilita o apoio em um contexto onde eles, como súditos coloniais dentro da estrutura do Leste Europeu, claramente não são brancos. O movimento subjacente do branco aqui, não ali, traz à tona a má-fé no cerne do fingimento: o que são os críticos da Rússia que fingem que os ucranianos são e o povo do Iêmen, Congo, Síria, Palestina (para citar alguns) não? A discussão de Fanon sobre a violência é evidente na situação ucraniana em um fato básico: a vitória da Rússia exigiria um compromisso com a violência permanente sobre o povo da Ucrânia. Enquanto o povo da Ucrânia se recusar a fingir que não é um ser humano, o controle da Rússia exigiria um compromisso com sua desumanização. Substitua “Hitlerismo” por “Putinismo” e a ironia da situação seria evidente, especialmente porque uma racionalização que Putin ofereceu para a invasão foi a erradicação dos nazistas. Fanon acrescentaria, porém, que essa crítica não se limita ao putinismo.

Não se pode agir contra a violência sem ser condenado como violento. Isso é algo que Fanon entendeu a partir da lógica dos contrários imposta pelas sociedades coloniais. A premissa

básica de tais sociedades é que sua dominação é supostamente legítima. Se é legítimo negar a um povo sua humanidade, então a afirmação de sua humanidade seria ilegítima. Seria a violação de uma ordem justa. Essa lógica binária tem como premissa o objetivo de todas as ordens coloniais – ou seja, a conquista de sua integridade. Esse objetivo resulta em uma afirmação autocontida do colono como universal e aqueles de fora como os pontos de legitimidade universalmente negados. O resultado é uma lógica de segregação ou, conforme formulado no contexto sul-africano, apartheid. O resultado é uma mentira viva. Isso porque a pureza da autocontenção conduz a uma lógica de não interação, que seria contaminante. Rejeitando quaisquer relações, quaisquer mediações, quaisquer negações da completude, a contradição performativa da negação comunicada da comunicação torna-se evidente. A lógica dos contrários não é, em suma, adequada à realidade humana. Como a interação revela as mentiras da completude declarada, da universalidade autocontida, no coração da comunicação e interação humana está a revelação da limitação humana – que, em suma, nenhum ser humano é um deus e, portanto, encontra outros através dos quais possibilidade ou potencial vem à tona nas práticas humanas de significado. A conclusão, em suma, é que a realidade humana é dialética. Reprimir essa dialética requer violência, e negar seu caráter violento envolve uma luta contra a aparência de suas contradições. Esse conflito Fanon entendeu em termos diretos: qualquer sociedade que coloque um grupo de pessoas acima da humanidade (como superiores) e aqueles abaixo (como inferiores) está, em última análise, comprometida com o que ele chamou de “assassinato” da humanidade.^{iv}

A radicalidade da posição de Fanon não era apenas teórica. Como psiquiatra clínico e forense, a luta irônica de Fanon contra a violência assumiu pelo menos duas formas. No nível clínico, isso estava no cerne de sua teoria da sociogênese, que ele discute em *Peau noir, masques blancs* (1952). Originalmente apresentada como sua tese de doutorado sob o título “Essai sur la désalienation du Noir”, que foi rejeitada por seu orientador Jean Dechaume, Fanon conseguiu um contrato para sua publicação com a Editions du Seuil sob a direção da revista de Jean-Paul Sartre e seu protegido Francis Jeanson. Foi Jeanson quem recomendou o título “*Peau noir, masques blancs*” (“Pele negra, máscaras brancas”), que afirmou a interpretação do irmão de Fanon, Joby, do manuscrito em seu título sugerido “Sobre a desalienação do preto e do branco”. Fanon, afinal, argumentou que o racismo e o colonialismo criam um esquema epidérmico de negritude e máscaras

brancas para a suposta superioridade dos brancos. Ambos, ele argumentou, são mentiras desenvolvidas para evitar a verdade desagradável, que é a de que todos são seres humanos.

Na época de seu encontro com Jeanson, Fanon havia defendido uma tese diferente (sobre a ataxia de Fredreich), que ele havia apresentado 2 semanas após a rejeitada. No cerne de *Peau noire, masques blancs* e da tese aceita, no entanto, está a demonstração das maldições forjadas a partir de uma falha em estabelecer um relacionamento humano com o outro, de, em uma palavra, desumanização. Fanon notou, durante seus anos de trabalho clínico na faculdade de medicina, que nem todos os clientes que procuravam sua ajuda eram doentes mentais. Muitos de cor estavam sofrendo, ironicamente, porque eram mentalmente saudáveis. Para um negro ou um árabe (ou alguém que é ambos) ficar com raiva da degradação cotidiana do racismo na sociedade anti-negra e anti-árabe revela as contradições do sistema e as expectativas da prática psiquiátrica. Fazer um negro ou um árabe se sentir em casa em uma sociedade anti-negra ou anti-árabe seria uma abominação. Seria o equivalente a produzir o escravo feliz. Pode-se estender essa crítica à misoginia. Fazer uma mulher se sentir em casa com uma sociedade misógina exigiria deixá-la doente. A tarefa da psiquiatria enfrenta, assim, uma metacrítica de seus princípios fundamentais de bem-estar. Embora Fanon não rejeitasse a ideia de que existem pessoas mentalmente doentes, ele não aceitava a ideia de que a raiva ou angústia pela degradação de alguém fosse uma forma de doença mental. O conselho de Fanon para tais indivíduos é que eles se tornem “ativos”. Com isso, ele quis dizer que eles precisavam resolver o problema, que é uma sociedade que os torna problemáticos sempre que afirmam sua humanidade. Em outras palavras, o tratamento recomendado aqui é a ação política. É um tema que perdurou por toda a carreira de Fanon.^v O sofrimento vinha de uma sensação de impotência social ou política e da vergonha de não se defender. Defender-se o que assume muitas formas gera autorrespeito, que é um valor crucial para a existência humana. Esse insight é uma tese central de seu último *Les Damnés de la terre* (1961),^{vi} embora seja evidente em seus anos de faculdade de medicina. O insight clínico, no qual ele mais tarde encontrou uma alma gêmea quando treinou com o brilhante psiquiatra catalão François Tosquelles para se tornar um Chef de serviço (chefe ou médico-chefe), é que não existe psiquiatria sem significado político. Na obra de Tosquelles, essa perspectiva crítica assumiu a forma de terapia institucional.^{vii} Nenhum ser humano vive fora de um mundo humano, e seu diagnóstico requer, portanto, compreensão relacional, especialmente onde a causa do sofrimento é o projeto de

desrelacionamento ou, mais familiar, desumanização. Fanon recusou-se a fingir que seu semelhante humano é um gato – embora, como está bem documentado, as sociedades coloniais e racistas preferam gatos e outros animais não humanos às pessoas desumanizadas que eles desprezam.^{viii} Com efeito, Fanon considera o colonialismo como uma tentativa de produzir formas de vida mortas de pessoas, ainda que caminhando, que são forçadas a sair das relações humanas para os valores que tal sociedade reserva aos cadáveres. Devemos lembrar, porém, que Fanon não aceitava aqueles valores praticados também contra cadáveres humanos.

Então, onde pode ficar a doença mental quando a psiquiatria aceita seus termos políticos até então reprimidos? Embora Fanon argumentasse que a psiquiatria é política, ele não assumiu a posição de que a doença mental é inerentemente política. Em *Peau noir, masques blancs*, ele argumentou que a doença mental está fundamentalmente, embora não exclusivamente, ligada ao transtorno narcísico. Devo enfatizar que Fanon não considerava o narcisismo, por si só, doentio. Embora não o explicita, seus argumentos ao longo de seus escritos se resumem a uma compreensão do ser humano como fundamentalmente uma forma de vida narcísica. Para entender isso, devemos ter em mente que o ser humano passa a maior parte do tempo olhando, ouvindo, imaginando, pensando, cheirando, sentindo e se relacionando com a realidade humana e, muitas vezes, com a humanidade projetada e autorrefletida. O ser humano está, para o ser humano, em todo lugar, e isso faz sentido, pois o ser humano vive em realidades humanas que vão desde a linguagem até a cultura, passando pelas diversas instituições pelas quais o ser humano adquire inteligibilidade e comunicabilidade. Assim, a relacionalidade sobre a qual escreve Fanon, uma ideia necessária para uma vida humana saudável, é a possibilidade aberta para mais relações constitutivas da existência humana. Essa forma de narcisismo direciona sua energia para fora. Seu poder é uma função de capacidades para uma realidade simbólica expandida. Os distúrbios narcísicos, por outro lado, se voltam para dentro em uma lógica de autoexcepcionalidade baseada na negação do outro. A esse respeito, tais distúrbios também tentam arrastar o mundo para dentro de si, como faria um vórtice. O processo de não-relações cultivadas conduz, eventualmente, a um valor de autoidentidade em que a legitimidade é o eu em si e por si. Os existencialistas reconheceriam isso não apenas como a lógica da facticidade, mas também como o projeto de, no final, tornar-se um deus ou uma coisa. Essa lógica pode ser atribuída a um indivíduo ou a um povo, mas o resultado é o mesmo: maligno. Uma “raça superior”, por exemplo, confere singularidade aos dotados desse título sem a

necessidade de ação ou desempenho, e mesmo que tal atividade fosse realizada, seu valor seria exagerado em virtude de quem os executa. Essas pessoas simplesmente “são” superiores e, embora possam reivindicar características especiais, essas são, no final das contas, racionalizações para uma supremacia já dada. A conclusão deveria ser óbvia, dadas as premissas de Fanon. O colonialismo produz gente doente. A psiquiatria clínica fanoniana, então, visa a terapia social. Uma sociedade problemática produz pessoas problemáticas; uma sociedade saudável tem pessoas que enfrentam problemas, e esses problemas, como expressões de sua humanidade, exigem o compromisso contínuo e as práticas de saúde social. Além das preocupações liberais com a justiça social, então, a prática clínica fanoniana levanta questões de saúde. Para Fanon, uma sociedade justa, mas doentia, é uma contradição de termos.

De certa forma, já comecei a discutir o aspecto forense da psiquiatria fanoniana. Um psiquiatra forense formalmente treinado, Fanon era um detetive médico. Como pensador relacional, ele não separou a investigação médica da teorização política. Assim, mesmo suas investigações fenomenológicas sobre a realidade vivida foram marcadas pelo insight forense, o que, para ele, significou um encontro das tecnologias da evidência material e da vida psíquica. Para este último, Fanon recorreu à psicanálise. Mas para os primeiros, os exemplos concretos são muitos. Um deles foi um incidente em seu breve retorno à Martinica em 1951, após obter seu diploma de médico. Fanon conseguiu uma nomeação como legista em Fort-de-France - um trabalho estranho para um médico que desprezava a dissecação de cadáveres, não? Clément Mbom relata o seguinte incidente:

Quando [Fanon] voltou para a Martinica para uma curta estadia, ele realizou autópsias. Depois de exumar o corpo de uma mulher que havia morrido três meses antes, ele descobriu que o médico corrupto do caso havia falsificado seu atestado de óbito, ocultando o fato de que seu marido a havia espancado até a morte.^{ix}

O esforço de Fanon para levar o marido à justiça chegou a um impasse de um ambiente social e político antipático ao reconhecimento da violência doméstica. Isso, além de algumas preocupações políticas adicionais, levou à sua decisão de deixar a Martinica para estudar com Tosquelles em Saint-Alban. Crucial aqui é um quadro mais amplo de como a violência se configurou na experiência e no pensamento de Fanon. A violência doméstica floresce em uma sociedade que a tolera. As maldições sociais contra as quais Fanon lutou não eram apenas as autoridades governamentais coloniais e suas concomitantes instituições militares e policiais, mas

também o apagamento social de todos. Como argumentei em *What Fanon Said* (2015), a antropologia filosófica de Fanon, que informou suas teorias de opressão e libertação, era multidimensional – classe, gênero, raça e sexualidade (entre outras realidades vividas) se manifestam em cada ser humano. Esse entendimento significava que a violência doméstica era tão política para ele quanto as outras manifestações da sociedade colonial. Na linguagem de hoje, há uma forma de colonialidade em ação na violência doméstica.

Tosquelles, como Camille Robcis atesta em *Disalienation* (2021), aborda o problema da desumanização como uma forma de desempoderamento baseada em aquisições coercitivas de poder acumulado como “concentracionismo”.^x Tosquelles lutou contra os fascistas na guerra civil espanhola, e continuou essa batalha contra o regime de Vichy na França, país onde se refugiou, durante a Segunda Guerra Mundial. Que os campos de concentração eram locais de concentracionismo é óbvio e, como Fanon, ele viu a conexão entre colonialismo e fascismo. As implicações estão bem resumidas no primeiro parágrafo de Robcis de seu excelente estudo:

De 1940 a 1945, durante a ocupação alemã da França, quarenta mil pacientes morreram em hospitais psiquiátricos franceses... Essas mortes... deviam-se não simplesmente à escassez e às extenuantes condições de vida, como afirmaram as autoridades oficiais, mas, como sugeriram vários historiadores, a uma política específica de extermínio dos deficientes cognitivos que o Estado nazista promoveu e o regime gelado silenciosamente endossou... [O] regime de Vichy optou por um “extermínio suave” que deixaria os pacientes morrerem de frio, fome ou falta de cuidados dentro dos limites dos próprios hospitais. Em Saint-Alban-sur-Limagnole, uma pequena e isolada aldeia no Lozère, no centro da França, um hospital psiquiátrico tentou resistir e alimentar seus pacientes acumulando comida extra com a ajuda da população local.^{xi}

A luta contra o fascismo foi uma luta contra o que Raphael Lemkin chamou de “genocídio”.^{xii} Como pensadores relacionais, Tosquelles e seus colegas, que ao longo dos anos iam de Jean Oury (que fundou o famoso hospital La Borde) a Félix Guattari, entendiam o hospital psiquiátrico como uma instituição política na qual o marxismo e a psicanálise poderiam se encontrar – o que tornava possível semelhantes à escola de Frankfurt na Alemanha, mas com um elemento clínico e orientado para o ativismo. Fanon trabalhou com Tosquelles de 1952 a 1953. Trabalhar com Tosquelles fazia sentido, pois Fanon já havia compartilhado muitas das premissas da terapia institucional, entre as quais a visão de que a terapia, como prática relacional e dinâmica, requer abordar a relação do terapeuta com o paciente, uns aos outros, outra equipe médica e o ambiente da terapia até a sociedade na qual ela é conduzida. Robcis aponta que Fanon se destacou,

no entanto, em questões de gênero e sexualidade, pois abraçou sua conexão com a constelação geral de relações em que muitos de seus colegas ficaram aquém. A colaboração com Tosquelles permitiu a Fanon trabalhar com o pensamento psicanalítico (especialmente lacaniano) e psiquiátrico da época, além de testar os limites da formação positivista que recebeu de seus anos em Lyon. A afinidade era o foco no desenvolvimento de práticas de afirmação da vida em vez de práticas voltadas para a morte. Para Fanon, isso significava abordar les damnés, os condenados, por assim dizer – aqueles que foram condenados por causa da indecência de sua humanidade.

A história da loucura aqui aponta, inevitavelmente, para sociedades loucas. Há, em outras palavras, o problema da normalização da loucura. Isso não quer dizer que Fanon, juntamente com Tosquelles e seus colegas, não reconhecia maldições individualizadas como psicose e distúrbios neurológicos como o bipolarismo. Não assumiram, porém, posição de condenação por tais condições. Como Fanon enfatizou: a realidade do psicótico era uma forma de realidade a ser compreendida, e uma sociedade saudável deveria desenvolver maneiras saudáveis de lidar com indivíduos genuinamente doentes. Observe a distinção sutil entre construir um grupo como insalubre e responder às necessidades de um paciente que sofre de um caso específico de doença. O projeto de tornar saudável o ambiente em que vive um indivíduo doente está ligado à tese sociogenética de Fanon em *Peau noire, masques blancs* até *Les damnés de la terre* quase uma década depois.

Termino neste ponto com uma reflexão sobre cadáveres e danação que pressagiavam o pensamento de Fanon. *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, antecipou *Peau noire, masques blancs*, de Fanon. Nessa obra clássica, Shelley situou uma história contada a um capitão de navio em uma expedição colonial. O protagonista, Victor Frankenstein (cujos nomes combinados — Victor/vitória e Frankenstein/liberdade — ironicamente sugere vitória da liberdade ou vitória sobre a liberdade), relata seu erro de produzir uma criatura a partir de uma reunião de cadáveres. Como todos os cadáveres já viveram, o ponto de morte e remontagem marca um evento no qual o reanimado nasce das ações do animador. O romance é, entre suas muitas virtudes, uma crítica proto-anticolonial. Aponta para a monstruosidade nascida do narcisismo maligno. Victor recuou ao ver sua criação, ao perceber que a imagem de si mesmo em sua imaginação não correspondia à realidade, em carne reanimada, de suas ações. O colonialismo euromoderno não apenas “conquistou”, mas também tentou se expressar naqueles que condenou a não ter outro rumo senão

a imitação da Europa e os investimentos antropológicos na branquitude normativa. Do ponto de vista colonial, o resultado foram imitações monstruosas. Mas do ponto de vista do colonizado, do condenado, a questão que se coloca é se a criatividade deve depender do criador declarado. Enquanto os colonizados, os condenados, permanecerem presos na consciência de serem criados por um criador que os rejeita, eles sofrem a melancólica realidade do não pertencimento. Ser criado em um mundo que não oferece futuro deslegitima sua existência.

Em *Frankenstein e Peau noir, masques blancs*, a criatura foi deixada rezando para seu corpo pelo potencial de abertura para se tornar perguntas, possibilidade, humano. Mas a ironia aqui é uma condenação dupla, já que a arrogância e o narcisismo maligno do criador colonial são a pressuposição do poder divino. Ser da terra já é alcançar o céu com os pés no chão. O que é isso senão a realização da capacidade de um povo de se tornar agente da história? Ao invés de fechado, trancado, condenado, há um esforço, por parte de cada ser humano, de se erguer, de alcançar, de se responsabilizar pela possibilidade. Não é por acaso que símbolos antigos como os hieróglifos do povo do Kmt/Egito para os seres humanos são frequentemente uma figura no ato de se erguer. O erro é não entender que nenhuma criatura pode mudar o mundo sozinha. Estar preso à autorreferência depende de delírios de poder narcísicos malignos. O poder relacional compreende o potencial intersubjetivo, comunicativo e criativo dos outros, inclusive através do tempo, e nesse sentido, as possibilidades políticas de ir além da autorreprodução vêm à tona, como Fanon mostra em *Les damnés de la terre*, e ricocheteia de volta a uma compreensão diferente das práticas legitimadoras atuais. Eu caracterizo essa compreensão como um movimento do amor narcísico maligno para o amor radical, voltado para o outro.^{xiii} O alcance, nascido do compromisso político existencial, é inevitável ao anônimo, já que a ação política é sempre uma condição de possibilidade que transcende a si mesmo e não uma condição refém de quem se imagina completo.

Notas finais

ⁱ Alice Cherki, Frantz Fanon: *portrait* (Paris: Editions du Seuil, 2000).

ⁱⁱ Muitos outros e eu discutimos esses debates. Descrevo a visão deles e a minha sobre esse aspecto de seu pensamento em Lewis R. Gordon, *What Fanon Said: A Philosophical Introduction to His Life and Thought* (London, UK: Hurst Publishers, 2015).

ⁱⁱⁱ Sobre o “Hitlerism,” ver Aimé Césaire, *Discours Sur Le Colonialisme* (Paris: Editions Présence Africaine, 1955).

^{iv} Ver Frantz Fanon, *Peau noire masques blancs* (Paris: Editions du Seuil, 1952)—isto é, *Pele negra, máscaras brancas*.

^v Ver Nigel C. Gibson and Roberto Beneduce, *Frantz Fanon, Psychiatry and Politics* (London, UK: Rowman & Littlefield Inter-national, 2017) e Lewis R. Gordon, *What Fanon Said: A Philosophical Introduction to His Life and Thought* (London, UK: Hurst Publishers, 2015).

^{vi} Frantz Fanon, *Les damnés de la terre* (Paris: Maspero, 1961).

^{vii} Para um excelente estudo recente desse movimento na psiquiatria, o envolvimento de Fanon e sua influência na esquerda francesa, ver Camille Robcis, *Disalienation: Politics, Philosophy, and Radical Psychiatry in Postwar France* (Chicago, IL: University of Chicago Press, 2021).

^{viii} Ver, por exemplo, Bénédicte Boisseron, *Afro-Dog: Blackness and the Animal Question* (New York: Columbia University Press, 2018) e minha discussão sobre esse fenômeno em Lewis R. Gordon, *Fear of Black Consciousness* (London, UK: Penguin Random House, 2022).

^{ix} Clément Mbom, “Frantz Fanon,” in *Multicultural Writers Since 1945: An A-to-Z Guide*, ed. Alba della Fazia Amoia, Bettina Liebowitz Knapp (West-port, Connecticut: Greenwood Press, 2004), 212.

^x Camille Robcis, *Disalienation*, 2, 8, 12, 36–7.

^{xi} Robcis, *Disalienation*, 1.

^{xii} Raphael Lemkin, *Axis Rule in Occupied Europe: Laws of Occupation, Analysis of Government, Proposals for Redress* (New York: Columbia University Press, 1944). Para discussão de genocídio e o conceito relacionado de Lemkin, “etnocídio”, ver Barrett Holmes Pitner, *The Crime Without a Name: Ethnocide and the Erasure of Culture in America* (New York: Counter- point, 2021).

^{xiii} Ver Lewis R. Gordon, *Freedom, Justice, and Decolonization* (London, UK: Routledge, 2021) and *Fear of Black Consciousness*.

Referências

BOISSERON, Bénédicte. *Afro-Dog: blackness and the animal question*. New York: Columbia University Press, 2018.

CÉSAIRE, Aimé. *Discours sur le colonialism*. Paris: Editions Présence Africaine, 1955.

CHERKI, Alice. *Frantz Fanon: portrait*. Paris: Editions du Seuil, 2000.

FANON, Frantz. *Peau noire masques blancs*. Paris: Editions du Seuil, 1952.

FANON, Frantz. *Les damnés de la terre*. Paris: Maspero, 1961.

GIBSON, Nigel C; BENEDUCE, Roberto. *Frantz Fanon, psychiatry, and politics*. London, UK: Rowman & Littlefield Inter-national, 2017.

GORDON, Lewis R. *What Fanon said: a philosophical introduction to his life and thought*. London, UK: Hurst Publishers, 2015.

GORDON, Lewis R. *Freedom, justice, and decolonization*. London, UK: Routledge, 2021

GORDON, Lewis R. *Fear of black consciousness*. London, UK: Penguin Random House, 2022.¹¹

LEMKIN, Raphael. *Axis rule in occupied Europe: laws of occupation, analysis of government, proposals for redress*. New York: Columbia University Press, 1944.

MBOM, Clément Mbom. “Frantz Fanon,” in *Multicultural writers since 1945: an A-to-Z guide*. Ed. Alba della Fazia Amoia, Bettina Liebowitz Knapp. West-port, Connecticut: Greenwood Press, 2004.

PITNER, Barrett Holmes. *The crime without a name: ethnocide and the erasure of culture in America*. New York: Counter- point, 2021.

ROBCIS, Camille. *Disalienation: politics, philosophy, and radical psychiatry in postwar France*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 2021.

Recebido em 31 de dezembro de 2022

Aceito em 12 de Janeiro de 2023.